

Três banheiros, três danças

Manuella Ferreira Leboreiro

Orientador: Prof. Yuri Fomin Quevedo (EC).

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2018.

O corpo ocupa espaços de diferentes formas. A partir de suas movimentações diárias, pode se tornar importante instrumento de percepção espacial. Isso possibilita reflexões que propõem outras formas de fazer projeto arquitetônico por meio do diálogo com as demais linguagens, como, por exemplo, a dança. Um corpo que ocupa pela primeira vez o espaço de um banheiro desconhecido, um dos lugares mais genéricos funcionais da casa, é instigado a decifrar as movimentações cotidianas já

pré-estabelecidas e produzidas pelo corpo que lá habita. A partir da observação e interação com o espaço, o banheiro pode ser mapeado, conhecido, e gerar narrativas e desenhos que refletem outras percepções. Como exercício de adquirir consciência corporal e espacial, o corpo se insere nessa rotina de movimentações e se provoca. O espaço do banheiro se torna então palco de investigação e experimentações da relação desses objetos com o corpo que explora.

Three bathrooms, three dances

The body occupies spaces of different forms. From its daily movements, it can become an important instrument of spatial perception. This allows reflections that propose other ways of doing architectural design through dialogue with other languages, such as dance. A body that occupies for the first time the space of an unknown bathroom, one of the most general functional places of the house, is instigated to investigate the pre-established daily movements produced by the body that lives there. From observation and interaction with space, the bathroom can be mapped, known, and generate narratives and drawings that reflect other perceptions. As an exercise in acquiring bodily and spatial consciousness, the body inserts itself into this routine of movements and provokes itself. The space of the bathroom then becomes the stage of investigation and experimentation of the relation of these objects with the body that explores.

Tres baños, tres danzas

El cuerpo ocupa espacios de diferentes formas. A partir de sus movimientos diarios, puede convertirse en un importante instrumento de percepción espacial. Esto posibilita reflexiones que proponen otras formas de hacer proyecto arquitectónico por medio del diálogo con los demás lenguajes, como por ejemplo la danza. Un cuerpo que ocupa por primera vez el espacio de un baño desconocido, uno de los lugares más genéricos y funcionales de la casa, es instigado a descifrarlos movimientos cotidianos ya preestablecidos y producidos por el cuerpo que allí habita. A partir de la observación e interacción con el espacio, el baño puede ser mapeado, conocido, y generar narrativas y dibujos que refleja otras percepciones. Como ejercicio de adquirir conciencia corporal y espacial, el cuerpo se inserta en esa rutina de movimientos y se provoca. El espacio del baño se convierte entonces en un escenario de investigación y experimentación de la relación de estos objetos con el cuerpo que explota.

São 12:11 do dia 7 de novembro. Um "s" na porta indica a quem supostamente se destina esse banheiro. Estou em um banheiro localizado em um predinho que o Vilanova Artigas, arquiteto modernista brasileiro, projetou na década de 1950 no bairro de Santa Cecília. É a segunda vez que entro nele e para mim ainda é um espaço que vai se revelando. De primeira, o que chamou muito a atenção foi o azul quase roxo causado pela luz negra que faz com que todos os tons do banheiro tendam para essa cor. Traz um sentimento de muita serenidade durante o dia. O pé direito é muito alto e, apesar do banheiro não ser muito grande, dá uma sensação de espaço muito amplo. Os detalhes do banheiro e a decoração variam a paleta de cores de forma restrita. O azul, rosa e amarelo prevalecem e o branco serve como plano de fundo e sustenta a claridade desse espaço. O que caracterizam as paredes são os azulejos que medem 15cm x 15cm, tamanho facilmente decifrável para um olhar já treinado. São em sua maioria brancos com algumas exceções azuis, que criam uma faixa que coincide com a escala humana que habita esse banheiro, localizada a 1,50m do chão e percorre por toda a extensão das paredes. Os azulejos sinalizam os 1,80m das paredes do banheiro, quadrado. Diferente dos demais banheiros, o piso é de ardósia, um material muito usado em áreas externas das casas de tempos atrás e que raramente se vê em um banheiro. O piso dá uma sensação de que é um outro lugar, e me traz lembranças de quando criança ficava sentada por horas nesse piso frio do quintal de casa, pensando

ainda muito nova, sozinha e com o corpo encolhido, em questões existenciais bem duras para uma criança. A frieza e sua cor escura colaboram com esse sentimento melancólico e ao mesmo tempo sereno. Mas o corpo está bem.

Há uma planta. A espada de São Jorge se exhibe, pedindo por atenção. Preenche o espaço e se sobrepõe à frieza imposta, trazendo vida, calor, aconchego. Chama por olhares para se mostrar exuberante. Está localizada justamente no meio do banheiro, encostada na quina entre a parede e o vidro do box, separando-os. A privada é branca e tem um formato diferente, olhando de frente parece um vaso de plantas e se complementa esteticamente com a planta. O chuveiro, do outro lado do vidro, é prata e brilha quando reflete a luz negra. O piso ainda molhado do box, insinua que pela manhã o banheiro já tinha sido palco de sua dança cotidiana ordinária.

Ouve-se com clareza gritos de crianças e me atento que somos vizinhos de uma escola infantil. O sentimento de melancolia agora conflitua com as vozes estridentes das crianças, às vezes parece de desespero, outras vezes que são apenas vozes de diversão. Os objetos que compõem o banheiro estão dispostos de forma despreziosamente calculada e pensada. São objetos peculiares. Há um bonequinho pelado encaixado pelas pernas no topo do vidro do box e, ao seu lado, um desenho de uma coleção de três que se espalham pelo banheiro. São desenhos de mulheres de calcinha e *soutien* que têm o rosto tampado e trazem boas lembranças por serem desenhos de uma amiga da faculdade.

Ao mesmo tempo, logo ao lado da privada, há uma foto de uma mulher real, com os seios amostra e o rosto destampado, oposto às dos desenhos. O sorriso amarelo escancara o incômodo da foto, o desconforto de estar naquela posição. Fico sabendo que vem de um sebo de Paris e que a foto é de uma revista erótica de alguns anos atrás. Um quadrinho acima da privada, apoiado em duas torneiras hidráulicas amarelas, chama muito a atenção. O desenho é inocente, infantil. É uma pintura em tela de um por do sol e suas cores se complementam com a paleta do amarelo e azul do banheiro. As demais imagens, que retratam prédios e cidades, indicam o gosto evidente pela arquitetura de quem neste banheiro habita.

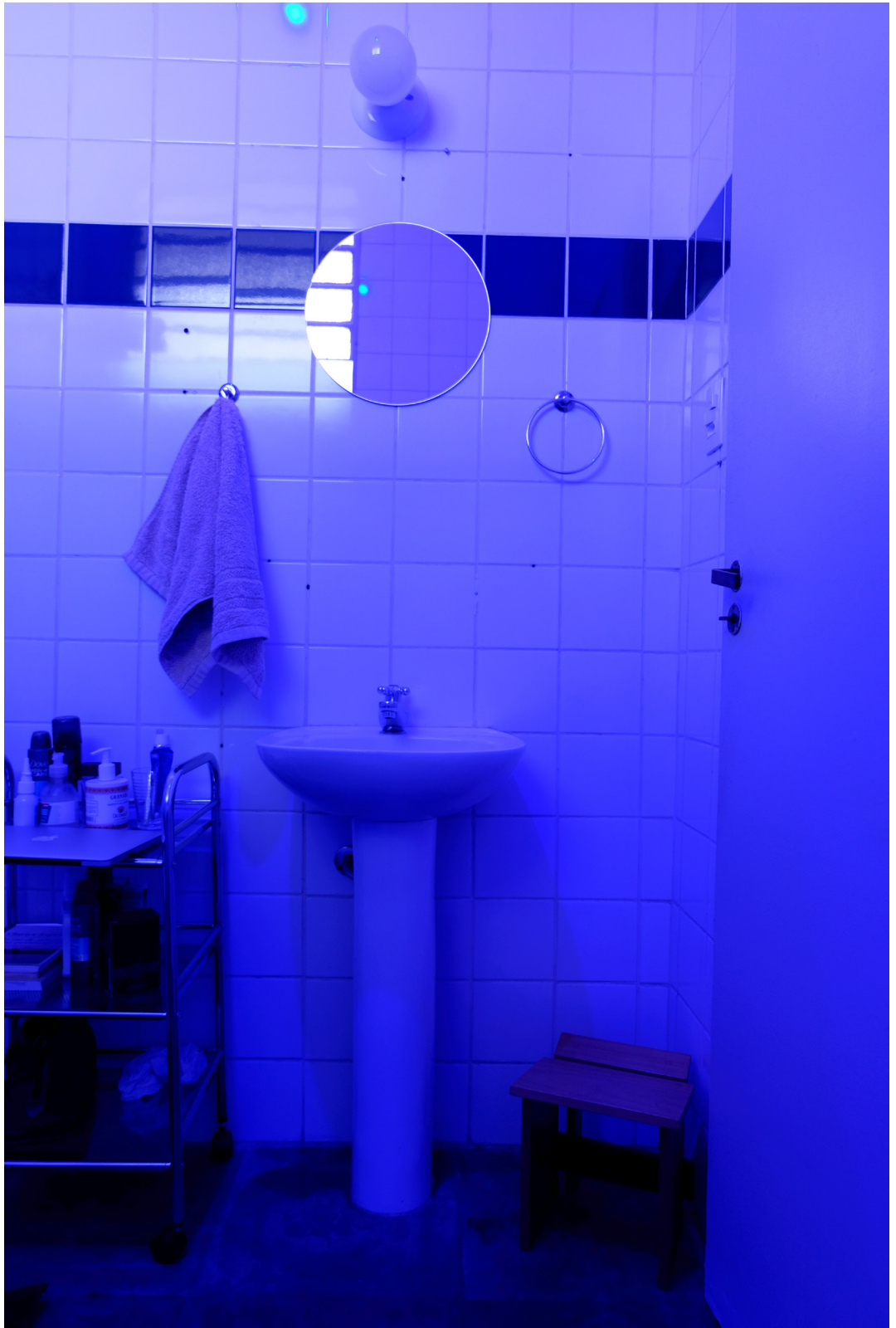
O cheiro de produtos químicos do banheiro é forte, e evidencia que foi limpo recentemente. Mas o cheiro do sabonete também é presente e o conflito é inevitável. Ambos os cheiros já fazem parte de minhas narinas e esse conflito também. A iluminação é presente durante o dia e apesar da única janela estar ao alto, encostada no teto, uma boa quantidade de luz entra. A janela é grande, com caixilho de metal branca e vidro craquelado. Mas pela sua posição no alto da parede, a iluminação é predominante na parte de cima do banheiro, acima da faixa azul dos azulejos, fazendo com que se veja um degrade de luz até o chão e, por ser cinza escuro, intensifica o obscurantismo da parte de baixo do banheiro.

Apesar de muitos detalhes comporem as paredes do banheiro, é um espaço minimalista. É um banheiro que não possui

um móvel e o único instrumento de apoio é uma estante metálica pequena, de três andares, que comporta alguns objetos de cuidados pessoais. Na parte de baixo há um rolo de papel higiênico pela metade, que parece ter um uso específico, que não de limpar a bunda. Há também uma *nécessaire* meio aberta e uma touca. Na primeira estante, estão os objetos de uso mais constante: desodorante, sabonete líquido, escova de dente e pasta, perfume, produtos de barbear, e desentupidor de nariz. Me intriga a tesourinha bem infantil que também compõe essa estante. Fico pensando sua utilidade e imagino que seria útil para aparar a barba ou a franja. Na estante do meio estão perfumes, estoque de desodorantes, shampoo entre "Crônicas para jovens" de Clarice Lispector, "Relatos de viagem ao oriente" de Le Corbusier e "Poesias" de Ana Cristina Cesar. Me chamaram muita atenção que esses livros estivessem ali, como que esperando por alguém que sabiamente possa passar seu tempo lendo textos curtos para que a ida ao banheiro não seja tão monótona e a coreografia possa encontrar outros movimentos que saem do padrão cotidiano.

São 14:33 e já de saída do banheiro, lavo minhas mãos e percebo o quão pequena é a pia. Se compõe perfeitamente com um espelho redondo localizado um pouco acima e com o lustre de onde sobressai uma lâmpada muito maior que as que utilizamos comumente, em forma de esfera. Desligo a luz e logo antes, com um último recado, me despeço do banheiro com uma foto que insinua um contexto urbano ao lado do interruptor. Penso que pode ser um recado.





1

espada de são jorge:¹

Nome Científico: *Sansevieria trifasciata*
Nomes Populares: Espada-de-são-jorge, Língua-de-sogra, Rabo-de-lagarto, Sansevéria
Família: Asparagaceae
Categoria: Folhagens, Forrações à Meia Sombra
Clima: Equatorial, Subtropical, Tropical
Origem: África
Altura: 0,4 a 0,6 metros
Luminosidade: Meia Sombra, Sol Pleno
Ciclo de Vida: Perene
elemento ornamental. se adapta facilmente a ambientes internos contanto haja incidência de luz do sol. não suporta muita umidade e portanto o banheiro não é o melhor lugar para ela.

2

livros: passatempo de quem permanece no banheiro por muito tempo.

3

espelho:

“reflexo da inteligência ou da palavra celestes fazem surgir o espelho como o símbolo da manifestação que reflete a inteligência criativa. é também o do intelecto divino que reflete a manifestação, criando-a como tal à sua imagem. o espelho não tem como única função refletir uma imagem; tornando-se a alma um espelho perfeito, ela participa da imagem e, através dessa participação, passa por uma transformação. existe, portanto, uma configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla. a alma determina por participar da própria beleza à qual ela se abre”². elemento importante quando situado em cima da pia. é muito usado para alguém ver a si mesmo enquanto raspa a barba, as axilas, as pernas, a sombrancelha, passa batom, para que a execução da ação ocorra sem contratempos.

4

s:³ é a décima nona letra do alfabeto latino. pode ser também a representação do elemento da tabela científica enxofre, que no latim é *sulfur*. representa o símbolo de segundos, ponto cardeal sul, representação de abreviatura de substantivo. algumas simbologias:



braille



telégrafo óptico



código internacional de sinais

localizada na porta de um banheiro, pode querer dizer senhor, senhora, suruba.

5

bonequinho: de plástico. elemento decotativo que compõe os demais. não apresenta gênero e possui somente uma cor, bege, que tenta assemelhar à pele humana. para sua fixação é ideal encaixar suas pernas sobre o vidro de um box. é articulado somente pelas pernas e braços.

6

foto: preta e branca, registra um corpo feminino, magro, com os seios à mostra e o rosto também. parece ser antiga. a expressão facial da mulher exibe certo desconforto com a foto, ao ponto de se achar que foi tirada sob pressão. se assemelha a fotos encontradas em revistas eróticas.

7

desenhos: três elementos decorativos que tem como temática o corpo de mulheres com o rosto tampado. cada desenho tem a predominância de uma cor de fundo: dois deles rosa e outro azul. podem ter um caráter sensual se estiverem em um banheiro. outros dois desenhos representam elementos urbanos e parecem fotos. outro é uma pintura infantil.

8

luz negra:⁴ pode ser chamada de luz UV-A ou luz ultravioleta. lâmpada que emite luz ultravioleta de onda longa (UV-A) e sem muita luz visível. são essenciais para observação da fluorescência. em ambientes com azulejos brancos, a luz incide nos azulejos e estes refletem uma coloração azulada que toma conta de todo o espaço e todos os objetos que possuem coloração clara. é responsável por caracterizar ambientes frenéticos.

9

piso:⁵ de ardósia, elemento de rocha metamórfica compacta, de granulação cinza e fina usado geralmente para revestimento de pisos. geralmente é fria, o que gera certo desconforto quando se senta sem roupa. o corpo passa a sentir frio e a tremer.

10

tapete: necessário a presença de dois. usados para secar os pés pós banho e manter o chão do banheiro seco e limpo.

11

banquinho: útil para sentar enquanto se contempla o ambiente. ideal para fazer companhia à quem realiza ações no banheiro.

12

privada: elemento essencial onde são despejados os excrementos humanos. pode ser utilizada de diversas formas: sentando sobre o assento, estando de pé a sua frente ou estar de pé sobre o assento.

15

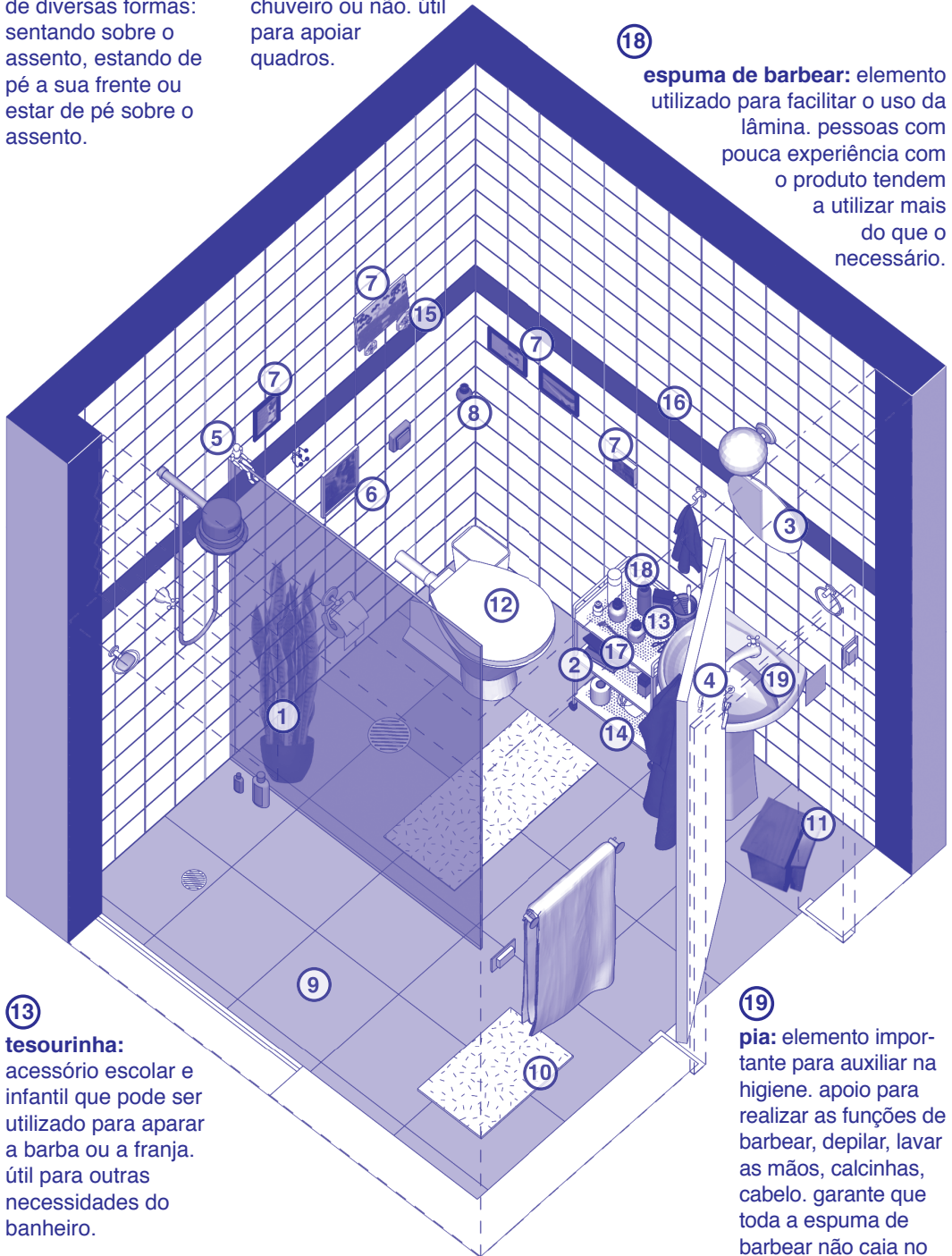
torneira hidráulica: elemento funcional que permite que a água do encanamento localizado dentro da parede do banheiro possa fluir para as torneiras e o chuveiro ou não. útil para apoiar quadros.

17

lâmina: elemento útil para raspar barbas, pelos das axilas, das pernas, da sombrancelha. é altamente cortante, podendo causar acidentes sem que se perceba.

18

espuma de barbear: elemento utilizado para facilitar o uso da lâmina. pessoas com pouca experiência com o produto tendem a utilizar mais do que o necessário.



13

tesourinha: acessório escolar e infantil que pode ser utilizado para aparar a barba ou a franja. útil para outras necessidades do banheiro.

14

estante metálica: elemento útil para armazenar produtos de higiene pessoal, livros, garrafa de cerveja, camisinha e fósforo.

16

azulejos: elemento de revestimento de parede propício para banheiros. podem ser de diferentes cores com a função ornamental, inclusive podem delimitar áreas superiores e inferiores do banheiro.

19

pia: elemento importante para auxiliar na higiene. apoio para realizar as funções de barbear, depilar, lavar as mãos, calcinhas, cabelo. garante que toda a espuma de barbear não caia no chão.



A investigação do corpo no banheiro revela características muito próprias do espaço. A observação começa tímida, com cautela. Um espaço ainda pouco visitado vai deixando de ser estrangeiro a medida que o corpo repousa seu olhar sobre ele. A percepção do espaço em questão se dá a partir de seus aspectos formais tais como a disposição dos elementos, que tipo de funcionalidade estes propõem e que tipo de relação é dada entre eles, que resulta em ações funcionais, cotidianas. Mas não só os aspectos formais orientam a maneira como os movimentos são construídos. As sensações que este espaço provoca também influenciam nas ações que dele originam, caracterizados pela observação a partir da visão, do tato e do olfato, que revela além de composições estéticas, materialidades, texturas, temperaturas, luminosidade e odores. A relação que se faz de ambas as percepções, tanto formais quanto sensoriais, propõe movimentos que ora de complementam e ora se contrapõem.

Em um primeiro momento, o espaço se revela sereno e o corpo começa a se desacelerar dos movimentos de uma

rotina ordinária que antes realizava com certa intensidade em espaços outros. Se presentifica no banheiro e observa quais funções podem acontecer. Revelá-las requer que a observação aponte os objetos que estão presentes, pois determinam as movimentações que deles são geradas e o agente que as executa. A diversidade de objetos leva a crer que o espaço é mais que um objeto espacial que procura por atuações específicas, ou exercer funções sociais de higiene.

Cronologicamente, a medida que o espaço se torna menos estrangeiro, a luz começa a alterar sua poética serena. O banheiro deixa de ter seu sentido funcional e se transforma. Surge uma sala de banho, sala no sentido da palavra, de estar, dependência destinada ao convívio, ao repouso, à leitura. O ambiente passa a ser tomado pela luz azul, intensa, frenética. O banheiro se transforma em um palco de ações que buscam pela demora, pela exaltação, pela experimentação. A experiência no espaço instiga meu corpo explorar tais ações e usar dos objetos presentes, minha ferramenta de movimentações.









Sabe-se que roteiros de movimentos cotidianos realizados nesse espaço pertencem a um repertório estranho ao meu, que evidencia um corpo com características físicas diferentes. Desde muito cedo em nossas vidas o banheiro é um lugar que já determina certas coreografias ensaiadas. Essas coreografias se referenciam por um desenho funcional, determinado muitas vezes por manuais de arquitetura e normas que são transmitidas como ensinamentos na faculdade de arquitetura em forma de desenho. São desenhos que se caracterizam por especificar corpos únicos que habitam espaços com desenhos enrijecidos. No banheiro, a série de normas de ergonomia faz com que os elementos estejam localizados muitas vezes com uma mesma configuração prezando pela máxima eficiência no mínimo espaço para que os movimentos desenvolvam uma lógica funcional. No entanto, corpos que ocupam esses espaços não são únicos. Apresentam suas particularidades que levam a coreografias diversas, que extrapolam o desenho de normas e manuais.

Fazer a barba, uma ação sugerida pela presença da lâmina e da espuma de barbear na estante metálica, se mostra importante e induz meu corpo a buscar formas de se adaptar a ela. A ação é ordinária de um corpo diferente. Embora diverso, esse sujeito guarda medidas parecidas com as minhas, e elas sugerem danças. Essas danças combinam nossas diferenças com coreografias cotidianas.

Meu corpo explora então formas diferentes de atuar pautadas pela

curiosidade de desvendar como funcionam os objetos na relação com esse outro corpo estranho. A semelhança de medidas faz com que a presença no espaço seja confortável: o nível do espelho apropriado, a distância dos objetos ao alcance das mãos.

O corpo experimenta e aprende outras maneiras de se movimentar. É nele onde aonde a dança flui, onde os movimentos começam a serem propostos e executados em sua melhor condição. Enquanto matéria física, serve de instrumento para que a dança possa acontecer. No entanto, não pode ser reduzida a apenas um corpo que produz movimentos simplesmente motores já que a ação de dançar propõe mais. Segundo Helena Katz¹ a verdadeira dança é a junção das movimentações com o que elas produzem, a *qualia*, qualidade da experiência advinda da percepção sensivelmente reproduzido pelo corpo que escapa à realidade e a tentativas de explicações racionais (GREINER, 2010).

O corpo transforma então as movimentações em fluidez. O próprio repertório de danças cotidianas induz que a ação seja estendida a outras partes do corpo. A dança só pode ser apreciada quando é uma ação. E enquanto ação é capaz de propor seu próprio espaço, sua própria atmosfera, que descarta cenários. É capaz de possibilitar encontros, novas relações, novos contatos com o outro e com o espaço no qual está sendo definido. E esse espaço, quando definido, pode durar poucos minutos, enquanto uma apresentação, mas reverbera enquanto novas proposições. A dança e o espaço transformam o corpo em questão.



NOTAS

1. Helena Katz é pesquisadora, crítica de dança e também professora no Curso Comunicação das Artes do Corpo e no Programa em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, onde concluiu o doutorado com a tese "Um, dois, três: a dança é o pensamento do corpo" (2005), referencial teórico de dança deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ÁBALOS, Iñaki. **A boa-vida**: visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Editorial Gustavo Gili: 2012.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. 2003. Disponível em: <filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaço.pdf>. Acesso em: 19.8.2018.

BODEGRAVEN, Marian Rosa Van. **Hoteis/Moteis**. Trabalho de conclusão de curso. São Paulo, Escola da Cidade: 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 2 edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. Org.: Amorim, Claudia, Org. **Leituras do corpo**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2010. (Coleção Leituras do Corpo).

KATZ, Helena. **Um, Dois, Três. A dança é o pensamento do corpo**. Belo Horizonte: FLD editorial, 2005.

NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura**: princípios, normas e prescrições sobre construção, instalações, distribuição e programa de necessidades, dimensões de edifícios, locais e utensílios. 5ª edição. São Paulo: Gustavo Gili, 1976.

VALÉRY, Paul. **Degas Dança Desenho**. Tradução: Christina Murachco e Célia Euvaldo. 1ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2012, pg. 30.

_____. Philosophie de la Danse. In: **Oeuvres I**. Paris: Librairie Gallimard, 1957. pp. 1390-1403. Tradução de Charles Feitosa. Disponível em: <www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1915/1541>. Acesso em: 3.9.18

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. Tradução Maria Isabel Gaspar, Gaëtan Martins de Oliveira. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SOBRE A AUTORA

Arquiteta e urbanista graduada pela Escola da Cidade em 2018. Graduação em administração pública pela Fundação Getúlio Vargas em 2010.

manuleboreiro@gmail.com